

COMITÊ CIENTÍFICO DE APOIO AO ENFRENTAMENTO À PANDEMIA COVID-19 GOVERNO DO
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL



Nota sobre ciclos da pandemia e estágio atual da COVID-19 no RS

Revisada em 11 de junho de 2021

O COMITÊ CIENTÍFICO de apoio ao enfrentamento à Pandemia da COVID-19 do RS expressa sua preocupação com o estágio atual da pandemia. Desde março de 2020, nosso estado tem sido afetado pela pandemia da COVID-19, com ciclos sucessivos de crescimento.

Doenças infecciosas, como a COVID-19, vêm em ciclos por motivos que dependem de três principais fatores: o hospedeiro - nós, humanos; o agente, no caso o SARS-CoV-2; e o ambiente, onde a ventilação é um fator relevante. Mudanças ocorrem nos três fatores e sua interação leva aos diferentes ciclos da pandemia ao longo do tempo.

As pessoas mudam seu comportamento ao longo do tempo, aderindo ou não ao uso de máscaras, participando de reuniões sociais ou não, aumentando sua mobilidade na comunidade ou procurando meios alternativos de transporte.

Lamentavelmente, as medidas para evitar o contágio, que deveriam ser adotadas permanentemente, parecem ocorrer somente quando a pandemia está em fase de crescimento.

O vírus, ao fazer bilhões de cópias, sofre mudanças no RNA viral. Dessa forma, as partículas virais que conseguem alguma vantagem são favorecidas. Nem todas as variantes são mais letais, pois evolutivamente, para o vírus, interessa apenas que a pessoa infectada permaneça viva e transmitindo-o.

Modificações no ambiente também podem acontecer à medida que ocorrem mudanças na temperatura, como no inverno, onde as janelas são fechadas por causa do frio e as pessoas passam a utilizar mais ambientes fechados em detrimento de ambientes ventilados.

Certamente a interação entre vírus, ambiente e comportamento humano é fundamental para o surgimento dos ciclos. Quando há um aumento dos óbitos, naturalmente tomamos mais cuidado, mas neste momento já é tarde para frear o aumento dos casos. Devemos aprender

com pandemias em geral e com os ciclos anteriores, para mudar nosso comportamento antes de um novo ciclo da pandemia.

Embora mudanças de comportamento não sejam uma estratégia fácil de ser alcançada, elas não dependem, no caso da COVID-19, apenas de soluções tecnológicas ou recursos financeiros importantes.

Na atual pandemia essa mudança envolve as **seguintes medidas para evitar o contágio: uso de máscara sempre que não estivermos sozinhos ou no contexto familiar restrito, distanciamento físico, higienização das mãos e manutenção de ambientes ventilados.**

Precisamos de uma boa **comunicação** e um grande senso de **responsabilidade** comunitária.

Nossa percepção de risco é relativa. Quando tivemos o maior ciclo de crescimento da COVID-19 em março de 2021, aumentamos muito nossos cuidados. No entanto, reduzimos os cuidados quando os casos e mortes começaram a apresentar queda, sem nos darmos conta de que a pandemia ainda não acabou. Algumas regiões do estado apresentam, no momento atual, nível de casos e internações semelhantes aos apresentados em março, evidenciando o quão rápido acontece o aumento dos casos devido ao abandono pela comunidade de medidas de prevenção de transmissão do vírus [1].

Desde meados de maio, voltamos a observar um aumento, seguido de estabilização em um patamar elevado, nas internações. Neste momento, das sete macrorregiões do estado, quatro (Centro-Oeste, Missioneira, Norte e Sul) apresentam ocupação de leitos clínicos semelhante ao último ciclo de crescimento. Quando analisamos a ocupação das UTIs, nessas quatro macrorregiões quase não é possível separar o ciclo atual do anterior, pois a ocupação se manteve alta em todo período.

As macrorregiões Serra e Vales apesar de não estarem com patamares tão altos de ocupação de leitos, já apresentam tendências de crescimento nas hospitalizações, que podem ser de casos de infecção na própria macrorregião ou impacto da sobrecarga do sistema de saúde das outras macrorregiões. A exceção neste momento é a macrorregião Metropolitana que mantém uma estabilidade na ocupação de leitos clínicos, mas em níveis compatíveis com os primeiro e segundo ciclos de crescimento. É fundamental promover as medidas de prevenção da transmissão do vírus, entre elas: **uso de máscara, distanciamento físico, higienização das mãos e manutenção de ambientes ventilados** [2,3]. Isso é ainda mais crítico nas regiões que receberam ALERTA do gabinete de crise, onde as medidas devem ser intensificadas e rigorosamente fiscalizadas.

Seguimos com um grande número adicional de leitos nas UTIs (que foram criados de forma temporária) ocupados com pacientes COVID. Isso causa um comprometimento da capacidade de atender às demais doenças e casos cirúrgicos sem relação com a pandemia, prejudicando direta e indiretamente aqueles que necessitam assistência médica.

Portanto é necessário que os gestores tomem providências para diminuir a transmissibilidade e consequente a ocupação de leitos clínico, UTIs e principalmente óbitos população e que a **população siga as orientações sanitárias e adote comportamentos adequados para prevenção da transmissão** na sua região.

Igualmente, é fundamental que os **gestores implementem as ações necessárias para reverter a tendência de crescimento** ou evitar que tenhamos novo ciclo de aumento de casos.

As pessoas vacinadas, mesmo após a segunda dose, devem manter os cuidados para evitar a transmissão da COVID-19 até que a maioria da população esteja vacinada (cerca de 70%, segundo a OMS) [4].

Referências

[1] BOLETIM REGIONAL COVID-19 RS, Macrorregiões e Regiões Covid-19.

sistema3as.rs.gov.br/boletim-regional

[2] World Health Organization. (2020). Mask use in the context of COVID-19: interim guidance, 1 December 2020. World Health Organization.

<https://apps.who.int/iris/handle/10665/337199>.

[3] Roadmap to improve and ensure good indoor ventilation in the context of COVID-19.

Geneva: World Health Organization; 2021.

<https://www.who.int/publications/i/item/9789240021280>

[4] Perguntas frequentes: vacinas contra a COVID-19. [https://www.paho.org/pt/vacinas-contracovid-19/perguntas-frequentes-vacinas-contracovid-19](https://www.paho.org/pt/vacinas-contracovid-19/ perguntas-frequentes-vacinas-contracovid-19)